

TERMOS TÉCNICOS EM INGLÊS DO 4º E 5º PERÍODOS DO CURSO DE TECNOLOGIA EM SISTEMAS DE INFORMAÇÃO: NA TRILHA DE UM GLOSSÁRIO

Flávia Magalhães Amaral¹
Daniella de Souza Bezerra²

¹Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia/Jataí/Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas,
PIBIC/CNPQ,flavia_batera@hotmail.com

²Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia/Jataí// Departamento de áreas acadêmicas de Jataí-
daniella@jatai.ifg.edu.br

Resumo

No decorrer dos anos, o estudo terminográfico tem sido uma fonte de pesquisa para muitos estudiosos, tendo em vista sua usabilidade em diversas áreas. A língua inglesa se tornou uma língua fraca de modo que o domínio da mesma passa ser fundamental quando se tenciona compreender cultura, ciência e tecnologia contemporânea. No curso de Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas do IFG campus Jataí, constata-se que termos técnicos dessa língua, os quais foram tomados como empréstimos para a língua portuguesa, aparecem frequentemente no material didático eleito pelos professores para as aulas. Por esse motivo decidimos elaborar um produto terminográfico, a saber, um glossário, o qual possa servir como obra de referência e consulta para a comunidade acadêmica desse curso, e demais interessados, a fim de que possam ter um instrumento que os possibilitará apreender a terminologia em inglês da área na qual atuará. Neste trabalho, trazemos o recorte do segundo ano de execução do projeto maior intitulado *Glossário de termos técnicos em inglês para o curso de Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de sistemas*. Nessa edição, nosso objetivo foi catalogar os termos e suas respectivas definições para estas disciplinas: *Redes de computadores*, *Interface Homem-máquina*, *Linguagem de programação Comercial*. Para a coleta de termos, tivemos como corpus, Tanenbaum (2003), Cybis et al. (2010) e Deitel (2005). Como resultado, obtemos 1404 termos técnicos em inglês dos quais 497 em *Redes de Computadores*, 78 em *Interface Homem-máquina* e 829 em *Linguagem de Programação Comercial*.

Palavras-chave: Glossário; Terminologia; Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas.

DA RAZÃO AO OBJETIVO DE UM GLOSSÁRIO

Em tempos de avanços vertiginosos em ciência e tecnologia descortina a relevância da Terminologia, ciência que pode ser compreendida tanto como campo de conhecimento quanto instrumento lingüístico especializado a serviço de diferentes finalidades científicas, sociais e políticas. Tendo como objeto de estudo o termo técnico-científico, a Terminologia desempenha um papel fundamental no progresso científico e tecnológico das nações posto que é, para os países desenvolvidos, uma “ferramenta básica para a comunicação especializada” (CABRÉ, 1993) e para os países em vias de desenvolvimento, é um “dos elementos que pode incorporá-los ao mundo industrializado, porque os intercâmbios de conhecimentos e a transferência de tecnologia se produzem através da terminologia” (CABRÉ, 1993).

No âmbito de uma área de especialidade, existem minimamente dois especialistas os quais possuem hipoteticamente aproximados domínios do repertório terminológico de seus campos de estudo ou atuação. Se um deles, digamos o emissor, deseja ou precisa transmitir um conhecimento, seja ele novo ou não, para um receptor, três fatores terão que ser considerados, segundo Sager (1990), para que haja eficiência no ato de transmissão.

Primeiro, em comunicação especializada, o conhecimento a ser expresso pelo emissor dever comungar, minimamente, com a expectativa do receptor. Pois, por exemplo, se uma profissional da área de Tecnologia de Análise e Desenvolvimento de Sistemas convida seu marido, comerciante e amante de assuntos esportivos, para ir com ela a um congresso internacional sobre *softwares*, provavelmente, se o mesmo decidir agradar a mulher assistindo às palestras, ele terá dificuldades em compreender com propriedade as discussões lá realizadas. Não porque o marido seja incapacitado cognitivamente, mas sim, porque ele, dentre outras razões, ignora a terminologia da área em foco. Conseqüentemente, a intenção/mensagem do palestrante não será filtrada por sua cognição, mas o será pela esposa. Isso acontecerá, porque o emissor já preparou preliminarmente sua “fala”, de tal sorte que usufruiu de um repertório terminológico inerente a sua área de especialidade.

Segundo, o emissor deve partir do pressuposto de que seu receptor opera na mesma área de conhecimento. Destarte, em comunicação especializada, a seleção de conhecimento está subordinada à área de estudos/atuação, e conseqüentemente, emissor e receptor devem dominar um cabedal de termos que os permita trafegarem por qualquer gênero discursivo próprio de tal escopo. No exemplo citado anteriormente, o palestrante, certamente, pressupôs que o público-ouvinte teria formação semelhante à da esposa. Logo, ele não modificaria a pauta de sua fala para, por exemplo esportes, em detrimento da presença de um especialista em assuntos esportivos. Se o marido-convidado, portanto, se sentisse incomodado, ele deveria ajeitar uma via de escape.

Sager (1990, p.103) explica tal incompatibilidade, advertindo que:

In a particular case of communication between specialists in a discipline, the existence of accepted standardized terms and expressions which the sender can assume the recipient to recognize is of considerable utility in ensuring comparability of knowledge, since the standard term presupposes absolute comprehension of its definition.

Terceiro, para que a transmissão de conhecimento se efetue em um modelo de comunicação especializada, o emissor deve escolher uma linguagem ou sub-linguagem que ele pressuponha que o receptor domine. Por isso, o esposo, hipoteticamente, teria dificuldades em compreender tal discurso científico, simplesmente, porque o palestrante não estava esperando a presença de um público que não compartilhasse de conhecimentos basilares sobre o escopo de *softwares*.

Por isso, Sager (op.cit.,104) salienta que:

In communication between specialists we are concerned with special subject languages, normally used by a small, relatively homogeneous group of people, in situations where the topic of discourse is of primary importance. This type of communication has also developed its own linguistic conventions as a result of prior agreement among user of this language about factors of intention and situation and by restricting the potential selection among phonological and syntactic variants.

Em síntese, o modelo de comunicação pensado por Sager(1990) demonstra a necessidade de cada acadêmico, especialista, estudioso dominar a terminologia própria de sua área de

especialidade uma vez que o desconhecimento da mesma provoca falhas na comunicação. Preocupados com as falhas de comunicação (por motivos de desconhecimento e falta de sistematização da terminologia em inglês) que tem comprometido o bom desempenho dos alunos, futuros profissionais da área, do curso de Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas do Instituto Federal de Goiás (doravante, IFG) campus Jataí, temos centrado nossos esforços há dois anos no intuito de reunir os termos em inglês circunscritos no material didático utilizado pelos professores com vistas a elaborar uma obra terminográfica, especificamente, um glossário, o qual possa servir como instrumento de estudo e pesquisa desse público e demais interessados.

De um Tecnólogo em Análise e Desenvolvimento de Sistemas, o mercado de trabalho anseia por um profissional que seja capaz de analisar, projetar, implementar, testar, implantar, avaliar, manter e gerenciar sistemas de informações para as organizações, com qualidade e em conformidade com as recomendações de usabilidade e segurança. Para desempenhar esse cabedal de funções quando alocado no mercado, o aluno do curso de Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas precisará ler/estudar/apreender a literatura da área, a qual, em razão da sua natureza, encontra-se majoritariamente publicada em língua inglesa. Não obstante o fato das obras adotadas no curso serem versões traduzidas, significativa parcela dos termos dessa área foram cunhados em Inglês e a eles não foi dada uma recunhagem em português e nas demais línguas.

Quando um novo conceito é identificado e nomeado, sabemos que surge a necessidade de padronizá-lo. Dentre os métodos que cumprem essa função, Sager (1990) pontua a existência de seis, quais sejam, redefinição de palavras, redefinição de termos existentes, derivação, composição, empréstimos e compressão. No âmbito da área de análise e desenvolvimento de sistemas, o método mais utilizado nas obras traduzidas é o empréstimo. Por exemplo, o termo *bus*, o qual denota um conjunto de linhas de comunicação que permitem a interligação entre dispositivos, como a CPU, a memória e outros periféricos, não possui um equivalente em língua portuguesa e nas demais línguas. Se um aluno do curso ao ouvir seu professor falar sobre *bus* ou ler algo em que aparece o termo, certamente espera-se que procure um dicionário inglês-português para apreender o significado. Ao fazê-lo, encontrará que *bus* significa ônibus, o que ocasionará uma falha na comunicação posto que *bus* na área em foco não tem nada a ver com um meio de transporte. Esse termo foi cunhado assim em inglês e permanece padronizado na área de especialidade da mesma forma independente do país alvo.

Segundo Sager (1990), a eficiência e o sucesso de um termo está subordinado à tríade economia-precisão-propriedade, a fixação de um padrão prestará contas ao mesmo princípio. Primeiro, um padrão deve ser econômico porque o mesmo estabelece uma concordância prioritária de referência entre os participantes e ainda contribui para com o alcance de comunicação entre os especialistas ao acelerar o processo de comunicação. Segundo, um padrão deve ser preciso porque ele elimina incompreensões ao estabelecer uma clara equivalência entre termos e a região do sistema conceitual referido. E, por último, um padrão deve ser apropriado porque ele permite que o responsável pela mensagem estabeleça claramente uma base de conhecimento compartilhado com a intenção discursiva.

Nessa linha, por ser o termo uma “unidade lingüístico-pragmática que participa da constituição dos discursos científicos e técnicos” (KRIEGER & FINATTO, 2004), não é típico encontrarmos em dicionários de língua geral o conceito de termos de áreas de especialidade, para tal, recorre-se a Terminografia, disciplina lingüística intimamente ligada à Terminologia, que se ocupa da descrição das propriedades lingüísticas, conceituais e pragmáticas das unidades terminológicas de uma ou mais línguas, a fim de produzir obras de referência, tais como

dicionários, glossários, vocabulários em formato papel ou eletrônico, bases de dados terminológicas e bases de conhecimento especializado (BARROS, 2004).

Frente à necessidade supracitada de ter uma ferramenta terminográfica a qual possa subsidiar o estudo e trabalho dos alunos do curso de Tecnologia de Análise e Desenvolvimento de Sistemas do IFG-campus Jataí (e outros interessados), este contribui para com a criação de um glossário inglês-português de termos técnicos circunscritos no material didático utilizado nas disciplinas desse curso.

Em razão da demanda de trabalho referente à elaboração de obra terminográfica, dividimos nosso trabalho em três anos. No primeiro ano, já concluso, catalogamos os termos em inglês referentes às disciplinas do primeiro e segundo períodos do curso. No segundo ano, cuja parte dos resultados de catalogação é apresentada neste trabalho, os termos das disciplinas do terceiro, quarto e quinto períodos constituem o objetivo da empreitada.

NOS CAMINHOS DE UM TRABALHO TERMINOGRÁFICO

Por se tratar de um trabalho terminográfico, cujo objetivo é descrever a terminologia do domínio específico do curso de Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas do IFG/campus Jataí, vimos adotando uma metodologia e fundamentos tradicionalmente usados nos estudos inseridos no âmbito da Terminologia de orientação descritiva, fundamentada em princípios da Linguística, cujo exemplo mais consolidado é a Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT) (CABRÉ, 1999). Filiar-se teoricamente à TCT significa, metodologicamente, abandonar “o tratamento prescritivo das terminologias em favor de enfoques descritivos capazes de entender o léxico especializado como um elemento natural das línguas naturais” (KRIEGER e BEVILACQUA, 2005).

Destarte, na etapa inicial, a qual antecede a catalogação de termos, é de práxis uma interação entre o lingüista-terminólogo e os especialistas no domínio temático de interesse (KRIEGER & FINATTO, 2004), para que se definam o corpus e objetivos socioterminológicos. No trabalho em questão, fazemos o papel de linguista- terminólogo e os professores do curso o de especialistas. Nessa linha, com a bibliografia básica e complementar do curso em questão em mãos, procuramos o professor da disciplina a ser catalogada com vistas a pedir uma orientação quanto a (s) obra(s) que reune(m) uma quantidade maior de termos técnicos em inglês da disciplina alvo de catalogação.

As obras adotadas pelos professores do curso em foco bem como aquelas presentes na bibliografia básica e complementar do curso estão em português. Não obstante isso, é notório no material didático das disciplinas uma gama de termos técnicos os quais foram cunhados em Inglês e não possuem um correspondente em português. Tal fato justifica o empreendimento e o recorte de nosso futuro produto terminográfico. Por almejar um glossário que atenda a um público determinado, qual seja, alunos do curso de Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas do IFG/campus Jataí, devemos contar com os especialistas (professores da disciplina) no que tange ao apontamento da fonte para a catalogação. Logo, a confiabilidade dos termos oriundos desse corpus reside no *know-how* inquestionável desses profissionais.

Em razão da natureza da qual o curso em questão pertence, muitas obras apontadas pelos professores são obras traduzidas do inglês para o português. Diante disso, poderíamos proceder a catalogação a partir das obras originais. Contudo, se assim o fizemos, estaríamos atropelando e desprezando a confiabilidade depositada em nossos especialistas, os quais adotam obras traduzidas durante a condução de suas disciplinas. Nessa linha, nosso trabalho não se constitui como um trabalho de tradução e sim como um trabalho terminográfico, cujas etapas que

sucedem a definição do corpus é coletar termos em inglês e identificar elementos descritivos que revelem sua noção (ou conceito).

Nessa fase do trabalho, os contextos mais significativos serão os que exprimem a natureza, o objetivo e o modo de operação, tais como:

1. Contexto definatório, que surge dos elementos descritivos inseridos em uma proposição do tipo Sujeito (= Entrada) + Predicações (= seqüências da definição). As predicações constituem verbalizações das propriedades práticas do objeto designado pela entrada.

2. Contexto associativo que ajuda a definir a noção por associação e não por elementos descritivos.

3. Contexto explicativo que revela a natureza, o objetivo ou um aspecto da noção estudada.

Após catalogados e definidos, os termos serão submetidos aos professores das disciplinas do curso com vistas a validá-los. Em seguida, procederemos a edição do produto final, qual seja, um glossário. Traremos, então, na sessão seguinte, exemplos de termos em inglês catalogados para as disciplinas *Redes de computadores*, *Interface Homem-máquina*, *Linguagem de programação Comercial*.

TERMOS TÉCNICOS EM INGLÊS NAS DISCIPLINAS ALVOS

Para realizar a catalogação dos termos técnicos em inglês, alguns livros foram usados. Em *Redes de Computadores*, disciplina que está inclusa no 3º período; o livro utilizado foi Tanenbaum (2003). Nele foram catalogados 497 termos, como exemplifica o quadro 1. Nos quadros, trazemos, por razão de espaço, apenas alguns exemplos de termos em inglês encontrados, a definição e a página em que eles se encontram nas obras consultadas.

O objetivo dessa disciplina é compreender os principais conceitos envolvidos numa Rede de Computadores baseados nos protocolos TCP/IP, suas várias aplicações e configurações possíveis, as tecnologias mais utilizadas e também os padrões e protocolos de comunicação mais importantes. Conhecer as normas técnicas aplicadas no mercado, cabeamento, equipamentos de rede e uma visão geral dos protocolos de roteamento e redes virtuais (VLANs), protocolos RDSI, ATM e protocolos Wireless.

TERMO	DEFINIÇÃO
accept	“Primitiva que bloqueia o responsável pela chamada até uma tentativa de conexão ser recebida”. (p.518)
Accept	“Cabeçalho de mensagens HTTP que solicita o tipo de páginas que o cliente pode manipular”. (p.697)
Accept- Encoding	“Cabeçalho de mensagens HTTP que solicita as codificações de páginas que o cliente pode lidar”. (p.697)
Accept-Charset	“Cabeçalho de mensagens HTTP que solicita os conjuntos de caracteres aceitáveis para o cliente”. (p.697)
Accept-Language	“Cabeçalho de mensagens HTTP que solicita os idiomas com os quais o cliente pode lidar”. (p.697)

Accept-Ranges	“Cabeçalho de mensagens HTTP. O servidor aceitará solicitações de intervalos de bytes”. (p.697)
Ack	“Método do SIP definidos na especificação do núcleo: Confirma que uma sessão foi inicializada”. (p.734)
ActiveX	“Controles ActiveX são programas compilados na linguagem de máquina do Pentium e executados no hardware bruto”. (p.692)
Advanced Data Communication Control Procedure (ADCCP)	“Exemplo de protocolo de enlace de dados. Procedimento de controle de comunicação de dados avançados”. (p.249)
Advanced Mobile Phone System (AMPS)	“Sistema avançado de telefonia móvel”. (p. 164)
Advanced Research Projects Agency (ARPA)	“Organização de pesquisa de defesa”. (p. 55)
ALOHA	“Sistema que permite que os usuários transmitam sempre que tiverem dados a serem enviados”. (p.267)
Alternative	“Subtipo do tipo <i>Multipart</i> ; A mesma mensagem em diferentes formatos”. (p.638)
American National Standards Institute (ANSI)	“Representante dos Estados Unidos na ISO, que apesar do nome, é uma organização não-governamental sem fins lucrativos”. (p. 79)
Analog Digital Converter (ADC)	“Os sinais de áudio podem ser convertidos para a forma digital por um ADC. Um ADC recebe um sinal elétrico como entrada e gera um número binário como saída”. (p.718)
Applets	“Miniaplicativos. Os miniaplicativos são pequenos programas em Java que foram compilados em instruções de máquina para um computador virtual chamado JVM (Java Virtual Machine)”. (p.692)
arrived	“Bit que informa se o buffer está cheio ou vazio”. (p.237)
Asymmetric (ADSL)	“Padrão que permite velocidade de até 8 Mbps upstream”. (p. 139)
Asynchronous Connectioni-Less (ACL)	“Assíncrono sem conexão”. (p.336)
Asynchronous Transfer Mode (ATM)	“Rede orientada a conexões. O nome um pouco estranho é explicado pelo fato de, no sistema de telefonia, a maioria das transmissões ser síncrona (vinculada a um relógio que matem o sincronismo)”. (p. 66)
Authentication Header (AH)	“Cabeçalho de autenticação do IPsec que fornece verificação de integridade e segurança contra reprodução, mas não oferece sigilo (isto é, não há criptografia de dados”. (p.823)
Authenticode	“Sistema da Microsoft para verificar controles ActiveX”. (p.869)

authoritative	“Registro oficial, fornecido pela autoridade que gerencia o registro, portanto sempre está correto. Os registros mantidos em cachê, ao contrário dos registros oficiais, podem estar desatualizados”. (p.624)
Authorization	“Cabeçalho de mensagens HTTP que solicita uma lista das credenciais do cliente”. (p.697)
Automatic Repeat reQuest (ARQ)	“Solicitação de repetição automática. Protocolo no qual o transmissor espera por uma confirmação positiva antes de passar para o próximo item de dados”. (p.223)
Autonomous System	“Por serem independentes umas das outras, com frequência cada rede de uma inter-rede é denominada Sistema autônomo (AS)”. (p.454)
Backer	“Sequencia que utiliza modulação por deslocamento de fase a 1 Mbaud, transmitindo 1 bit por baud quando opera a 1 Mbps e 2 bits por baud quando opera 2 Mbps”. (p.314)
Base	“Módulo de XHTML Basic: Ponto de partida de URL”. (p.716)
Basic	“Subtipo do tipo <i>áudio</i> ; som audível”. (p.638)
baud	“O número de amostras por segundo é medido em baud. Durante cada baud, é enviado um símbolo. Desse modo, uma linha de n bauds transmite n símbolos”. (p. 135)
bent pipe	“Modo de operação conhecido como funcionamento como espelho”. (p. 116)
bind	“Primitiva que anexa um endereço local a um soquete”. (p.518)
Bluetooth	“Rede sem fio de alcance limitado a fim de conectar componentes sem a utilização de fios”. (p.23)
BOOTP	“Protocolo de inicialização alternativo. Utiliza mensagens UDP, que são encaminhadas pelos roteadores”. (p.482)

Quadro 1: Exemplos de termos da disciplina Redes de Computadores

Na disciplina *Interface Homem-Máquina* compreendida no 4º período do curso foram catalogados 78 termos, e o livro utilizado foi Cybis et al. (2010).

O objetivo da disciplina é aplicar conceitos fundamentais necessários para design e avaliação de Interação Homem Computador (IHC). Identificação dos aspectos humanos, aspectos tecnológicos, modelos cognitivos envolvidos no projeto de IHC. Construir projetos de IHC com a utilização de ferramentas de suporte.

TERMO	DEFINIÇÃO
Audacity	“Barras de progressão indicando o volume de um som sendo reproduzido (à esquerda) ou gravado (à direita) (Audacity)”. (p.90)
blinking	“Quando o texto aparece piscando para o usuário”. (p.88)
bottom-up	“Abordagem pelos níveis de abstração de baixo para cima”. (p.213)

Brainstorming	“Tempestade de idéias. Técnicas de geração e organização de idéias”. (p.177)
breadcrumbs	“Trilhas de links. Essas trilhas são compostas de link que se inserem uns após os outros de modo a mostrar os níveis de estrutura da informação que estão acima da informação onde o usuário se encontra. Eles constituem principalmente uma forma de navegação no site embora possam também fornecer feedback ao usuário as soluções mais avançadas associam um menu descortinável a cada link da trilha, propondo ao usuário os outros itens de informações disponíveis em cada nível”. (p.105/106)
Card sorting	“Arranjo de cartas. Técnica para descobrir a representação ou o modelo mental que os usuários elaboram sobre o conjunto de itens de informação pretendidos para um programa ou aplicação”. (p.178)
Cascading lists	“Listas em cascata. Trata-se de um conjunto de listas mostrando os itens pertencentes a 3 e 4 níveis adjacentes de uma estrutura hierárquica. A seleção de um registro em um determinado nível da estrutura mostra as possibilidades em termos de dados para o nível imediatamente inferior”. (p.108)
Center Stage	“Cena central e cenas secundárias. Neste padrão a parte principal da interface é ocupada por uma zona de edição, e os comandos pertinentes às ações sendo realizadas pelo usuário aparecem em caixas de ferramentas colocadas em áreas secundárias, nos cantos da tela”. (p.115)
Chats	“Troca de mensagens sobre programa, com amigos e tempo real”. (p.299)
check box	“listas de seleção ou grupos seletores exclusivos e/ou não exclusivos”. (p.68)
Closable Panels	“Acordeão. É a estrutura de apresentação em dois níveis, que contrai e expande as categorias de dados (opções de entrada ou itens de navegação). Caso o espaço disponível na tela seja reduzido, o acordeão pode ser configurado para expandir somente uma categoria de cada vez”. (p.109)
Cognitive Walkthrough	“Percurso cognitivo. Neste tipo de inspeção de ergonomia, os inspetores aplicam uma lista de verificação orientada à tarefa interativa, abordando os processos cognitivos que se estabelecem quando o usuário a realiza pela primeira vez”. (p.218)
Collapse-to-Zoom	“Variável que permite ao usuário eliminar da tela as partes não pertinentes, como cabeçalhos e banners publicitários”. (p.265)
combo box	“Caixas de combinação. As listas de seleção podem ser configuradas como “caixas de combinação”, o que fará com que a seleção seja acelerada pelo acionamento de uma tecla de teclado. Assim, o usuário digita o(s) primeiro(s) caractere(s) do valor desejado, e o componente seleciona automaticamente as opções dentro da lista que cometeu por esses caracteres”. (p.79)
Default	“Valor default é um valor ou opção que o sistema seleciona automaticamente, colocando-se no foco da ação do usuário. Se ele for adequado, o usuário não terá muito trabalho para realizar a entrada de um dado ou comando, pois a seleção já foi realizada pelo sistema. Basta que agora ele confirme a entrada”. (p.34)

Quadro 2: Exemplos de termos da disciplina IHM

Na disciplina *Linguagem de Programação Comercial* compreendida no 3º período do curso, o livro indicado para fazer a catalogação foi Deitel(2005), nele foram coletados 892 termos técnicos.

O objetivo dessa disciplina é desenvolver sistemas/software utilizando uma linguagem de programação em destaque no mercado de trabalho, explorando os recursos da mesma como:

entrada e saída de dados (bancos de dados, arquivos, relatórios, componentes disponíveis e interfaces).

TERMO	DEFINIÇÃO
_blank	“Frame-alvo que resulta em uma nova janela de navegador Web para exibir o conteúdo do URL especificado” (p.832)
_self	“Frame-alvo que determina que o conteúdo deve ser exibido no mesmo frame do applet (nesse caso a página HTML do applet é substituída)” (p.832)
_top	“Frame que especifica que o navegador deve remover os frames atuais na janela do navegador e então exibe o conteúdo do URL especificado na janela atual” (p.832)
absolute	“Método ResultSet usado para posicionar o cursor ResultSet em uma linha específica” (p.915)
abstract	“Palavra-chave usada para criar uma classe abstrata”. (p.340)
Abstract data type (ADT)	“Tipos de dados abstratos. Formalização que melhora o processo de desenvolvimento de programas”. (p.281)
Abstract Window Toolkit (AWT)	“Componente GUI no Java. Quando um aplicativo Java com uma AWT GUI é executado em diferentes plataformas Java, os componentes GUI do aplicativo são exibidos diferentemente em cada plataforma”. (p.376)
abstractTableModel	“Classe que implementa a interface TableModel” (p.910)
acceptChanges	“Método CachedRowSet para propagar as alterações para o banco de dados” (p.983)
ActionEvent	“Evento gerado pelo componente GUI”. (p.385)
ActionListener	“Interface do pacote Java.awt.event”. (p.385)
ACTIVATED	“Indica que o usuário clicou em um hyperlink para mudar páginas da Web” (p.835)
ADA	“Linguagem em homenagem a Lady Ada LoveLace, considerada a primeira pessoa a escrever um programa de computador do mundo no início do século XIX. Uma capacidade importante da linguagem ADA, chamada de multitarefa, permite que os programadores especifiquem quantas atividades devem ocorrer paralelamente”. (p.08)
addActionListener	“Método JTextField usado para registrar o handler de evento para cada componente”. (p.385)
addAll	“Algoritmo da classe Collections que acrescenta todos os elementos de um array a uma coleção”. (p.687)
addFirst	“Adiciona como primeiro item”. (p.682/683)
addLast	“Adiciona como o ultimo item”. (p.682/683)
addListSelectionListener	“Método JList para registrar um objeto que implementa ListSelectionListener como ouvinte para os eventos de seleção de JList”. (p.401)
addPoint	“Método para adicionar pares de coordenadas x e y”. (p.457)
addTableModelListener	“Implementação-padrão do método TableModel (fornecido por AbstractTableModel)” (p.911)
addWindowListener	“Os ouvintes de eventos são registrados para eventos de janela com o método Window addWindowListener”. (p.754)

anchor	“Campo GridBagConstraints que especifica a posição relativa (NORTH, NORTHEAST, EAST, SOUTHEAST, SOUTH, SOUTHWEST, WEST, NORTHWEST, CENTER) do componente em uma área que ele não preenche”. (p.775)
Animator	“Exemplo do diretório applets que realiza uma de quatro animações separadas”. (p.717)
anti-aliasing	“Uma técnica gráfica para produzir imagens mais suaves na tela em que as bordas da imagem são desfocadas”. (p.719)
Application Programming interfaces (APIs)	“Coleções de classes existentes nas bibliotecas”. (p.07)
append	“Método da Classe StringBuffer fornece os métodos appends sobrecarregados para permitir que os valores de vários tipos sejam acrescentados ao final de um StringBuffer” (p.1026)
applets	“Programas que executam nos navegadores da Web”. (p.173)
appletviewer	“Contêiner de applets para testar applets à medida que eles são desenvolvidos e antes de ser incorporados a páginas da Web”. (p.716)
ArcTest	“Exemplo do diretório applets que demonstra como desenhar arcos. Você pode interagir com o applet para alterar atributos do arco que é exibido”. (p.717)
Arithmetic and logic unit (ALU)	“Unidade de aritmética e lógica. Esta é a seção de ‘fabricação’ do computador. É responsável pela realização de cálculos, como adição, subtração, multiplicação e divisão. Esta seção contém os mecanismo de decisão que permitem o computador, por exemplo, comparar dois itens da unidade de memória para determinar se são iguais ou não”. (p.04)
ArrayList	“Classe ArrayList – estrutura de dados dinamicamente redimensionável como o array”. (p.662)
arrays	“Um array é um grupo de variáveis (elementos ou componentes) que contem valores que são todos do mesmo tipo”. (p.204)

Quadro 3: Exemplos de termos da disciplina LPC

Como resultado, obtemos 1404 termos técnicos em inglês dos quais 497 em *Redes de Computadores*, 78 em *Interface Homem-máquina* e 829 em *Linguagem de Programação Comercial*.

Depois dos termos e suas definições coletados, as outras etapas previstas na metodologia serão executadas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, G.M.B, OLIVEIRA, L.H.M e ALUÍSIO, S.M. *A Terminologia na era da Informática*. Disponível via URL http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252006000200016&script=sci_arttext, 2006.

BARROS, L.A. *Curso Básico de Terminologia*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2004.

CABRÉ, M. T. *La terminología. Teoría, metodología, aplicaciones*. Barcelona: Editorial Antártida/Empúries, 1993.

CABRÉ, M.T. *La terminología : representación y comunicación* – elementos para una teoría de base comunicativa y outros artículos. Barcelona : Institut Universitari de Lingüística Aplicada, 1999.

CYBIS, W; BETIOL A. H; FAUST R; *Ergonomia e Usabilidade: Conhecimentos, métodos e aplicações*: 2 ed. São Paulo: Novatec, 2010

DEITEL, H. *JAVA: Como Programar*. 6 ed. Pearson, 2005

KRIEGER, M.G. & FINATTO, M. J. B. *Introdução à Terminologia: Teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2004.

KRIEGER, M.G. ; BEVILACQUA, C.R. *A pesquisa terminológica no Brasil: uma contribuição para a consolidação da área*. Debate terminológico, no. 1, 03/2005. Disponível em <http://www.ritem.net/> revista. Acesso em 20/03/2010.

SAGER, J. C. *A practical course in Terminology processing*. Amsterdam Filadelfia: Johns Benjamins, 1990.

TANENBAUM, A. S. *Redes de Computadores*. 3º edição. Editora Campus, 2003.